

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 6 · 1988

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

O Sexo e a Morte

JACQUES RUFFIÉ

Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987, 256 p.

«Cada ser vivo, desde a pulga à baleia, da margarida à sequóia é um actor que representa sempre a mesma tragédia... Nasce, reproduz-se, morre». A abordagem sócio-biológica feita pelo autor tem como objectivo principal dessacralizar os fenómenos biológicos e culturais que regem a reprodução sexuada e a morte, mostrando a complementaridade destes «dois polos de um ciclo vital» e a necessidade da sua existência.

A análise biológica da reprodução sexuada, das suas vantagens em relação à «reprodução» assexuada e da sua unicidade, apesar da «extrema variedade dos meios utilizados para obter um resultado... idêntico», é minuciosa, resultando numa síntese científica elucidativa para o leigo — com recurso a um pequeno glossário dos termos biológicos mais relacionados com o tema.

A génese da heterogeneidade encontra-se na reprodução sexuada que assegura um processo evolutivo, culminando numa grande variedade de comportamentos, aumentando assim as possibilidades de sobrevivência das espécies ao diminuir a competição e aumentar os recursos, isto enquanto a «reprodução» assexuada não é mais que uma regeneração fornecendo sempre seres com as mesmas características. Na origem da diversidade está, pois, a união de dois indivíduos com património genético diferente, dando vida a novos seres onde as informações recebidas dos progenitores são sintetizadas e seleccionadas as mais úteis à sobrevivência da espécie.

No homem, todavia, intervém um novo parâmetro, não biológico: a cultura. Se por um lado liberta o indivíduo de comportamentos inatos, o seu passado arqueobiológico, por outro lado vai subjugar-lo a uma diversidade de leis que lhe conferem uma originalidade cultural, transformando-o no construtor de sociedades e civilizações complexas e brilhantes, multiplicando os seus conhecimentos pela sua vida em grupo, mas também originando complexos laços sociais, tabus e rituais limitativos, reguladores e hierarquizadores. A sexualidade determinou a família, núcleo da sociedade humana, ligando os seus membros por laços de parentesco, transformando-a num grupo limitado e estável.

Todas as sociedades atribuíram grande importância ao sexo, quer glorificando-o como símbolo de fecundidade e riqueza, quer condenando-o; daí o carácter obrigatório, ainda que sucinto, das referências à história sexual da humanidade. A figura da mulher torna-se o símbolo da sexualidade: das pequenas figuras em ossos ou marfim do Magdalenense, símbolos de fertilidade, à mulher fonte do «pecado da carne», culpabilizada pela cultura cristã, apesar da especial devoção à Virgem Maria. A Igreja cada vez mais condena o prazer carnal, tendo em atenção, porém, o facto de na prática haver uma grande tolerância, mesmo no que se refere aos «desvios», desde que todas estas práticas existam na intimidade. Só com a Contra-Reforma e sobretudo com a ascensão pós-industrial da moralidade burguesa se deu o retorno às virtudes, condenando-se severamente a sexualidade. Tal posição começará a alterar-se com a aceitação do freudismo, advindo daí o seu valor, pois na realidade não é mais que uma construção mental sem qualquer fundamento científico.

Noutras culturas, que não a ocidental judaico-cristã, a sexualidade tem também o seu lugar: nas sociedades islâmicas existe uma hierarquia sexual que mantém a mulher numa situação de subjugação e isolamento; em contrapartida nos Tantra budistas e Hinduístas, a sexualidade surge como fonte de poder e energia espiritual (nas seitas ortodoxas destas religiões é totalmente banida).

Nas últimas décadas assistiu-se entre nós a uma inversão de valores: a morte substituiu o sexo como principal interdito, a repugnância pela destruição física, consequência do aumento da esperança de vida, conduziu a um escamoteamento e a uma iniciação tardia no fenómeno morte. No dizer de PH. ARIÈS¹ «Já não são as crianças que nascem nas couves, mas os mortos que desaparecem entre as flores», pois se hoje é prática corrente iniciar as crianças na filosofia do amor e da reprodução desde a mais tenra idade, o mesmo não se verifica com a morte, cada vez mais afastada da nossa vida. A proposição «O cemitério está no centro da aldeia como a morte está no centro da vida», demonstrativa da naturalidade e familiaridade com que outrora se tratava a morte, deixou de ter significado, tendo estes sentimentos sido substituídos pelo terror e pela consciência da fatalidade, obrigando os homens a afastarem essa visão terrível do fim: «Quando dormirdes sob ervas e flores vistosas/ Apodrecendo entre ossadas./ Beleza minha, então, dissei, vos peço, aos vermes/ Que de beijos vos vão tragar,/ Que eu guardei a forma e a essência divina/ Do amor que a terra já desfaz».

A desproporção entre a abordagem da sexualidade (14 capítulos) e a da morte (4 capítulos) dever-se-á somente à desproporção da complexidade biológica do primeiro fenómeno face à fatalidade do segundo, ou será também fruto do tabu que o autor pretendia inicialmente destruir? Culturalmente a morte é mais complexa que a vida, preferindo o autor remeter para algumas obras dedicadas exclusivamente a este tema. Todavia, nesta abordagem ori-

¹ ARIÈS, Philippe — *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Lisboa, Teorema. 1988, p. 161.

ginal que perspectiva estes dois pólos de vida humana numa relação bilateral de dependência tinha sido oportuno um maior desenvolvimento do capítulo *morte*.

«A morte é... um fenómeno constante, biologicamente necessário, sem o qual a sexualidade não teria sentido», mas a deslocação da morte do quotidiano para o ritual e para o imaginário obrigou a um distanciamento em relação à vida, ou seja, à sexualidade. O valor e originalidade desta obra está em tentar sintetizar os ambientes biológico e cultural que envolvem os extremos da existência humana, ao mesmo tempo que aproxima os dois pólos entre os quais se desenvolve o drama da vida.

Maria das Dores G. Cruz